

# Jorge Luis Borges – O passado

Tudo era fácil, nos parece agora,  
Naquele plástico ontem irrevogável:  
Sócrates, que, apurada a cicuta,  
Discorre sobre a alma e seu caminho,  
Enquanto a morte azul lhe vai subindo  
Pelos pésregelados; a implacável  
Espada que retumba na balança;  
Roma, que impõe o numeroso hexâmetro  
Ao obstinado mármore dessa língua  
Que manejamos hoje, espedaçada;  
Os piratas de Hengist que atravessam  
A remo o temerário mar do Norte  
E com as fortes mãos e a coragem  
Fundam um reino que será o Império;  
O rei saxão que oferta ao da Noruega  
Sete palmos de terra e que cumpre,  
Antes que o sol decline, a promessa  
Na batalha de homens; os cavaleiros  
Do deserto, que cobrem o Oriente  
E ameaçam as cúpulas da Rússia;  
Um persa que relata a primeira  
Das Mil e uma noites e não sabe  
Que deu início a um livro que os séculos  
Das outras gerações, ulteriores,  
Não entregarão ao quieto esquecimento;  
Snorri, que salva em sua perda Tule,  
Sob a luz de crepúsculos morosos  
Ou na noite propícia à memória,  
As letras e os deuses da Germânia;  
O jovem Schopenhauer, que descobre  
Um projeto geral do universo;  
Whitman, que numa redação do Brooklyn,  
Entre o cheiro de tinta e de tabaco,  
Toma e a ninguém conta a infinita

Resolução de ser todos os homens  
E de um livro escrever que seja todos;  
Arredondo, que mata Idiarte Borda  
Em certa manhã de Montevideú  
E se entrega à justiça, declarando  
Ter agido sozinho e não ter cúmplices;  
O soldado que morre em chão normando,  
O que na Galiléia encontra a morte.

Essas coisas podiam não ter sido.  
Quase não foram. Nós as concebemos  
Em um ontem fatal e inevitável.  
Não há outro tempo que o agora, este ápice  
Do já será e do foi, daquele instante  
Em que a gota cai na clepsidra.  
O ontem ilusório é um recinto  
De imutáveis figuras de cera  
Ou de reminiscências literárias  
Que o tempo irá perdendo em seus espelhos.  
Carlos xii, Breno, Érico, o Vermelho,  
E a tarde inapreensível que foi tua  
Na eternidade são, não na memória.

**Jorge Luis Borges, Poesia**